

O velho e os outros Memória, cuidado e qualidade de vida¹



Celina Maria Bacellar Monteiro
Maria Inês Bacellar Monteiro
Fernando Monteiro Camargo

Resumo: Este texto foi escrito por três gerações: avó, mãe e neto. Tem por tema a *velhice* como construção social, fruto das práticas sociais e das representações produzidas historicamente. O estudo buscou conhecer as percepções dos *velhos* sobre as formas de cuidado a eles dirigidas. Mais especificamente, os autores direcionaram seus olhares para experiências concretas de vida, aceitando o desafio de trazer à tona peculiaridades e sentidos da prática do cuidar relacionadas à memória do idoso. Tomaram como referência o poema de uma autora anônima e o registro de episódios presenciados ou vividos que apontam para a ausência de conhecimento das histórias de vida dos *velhos* e de seus sentimentos, o que impede um olhar para além das aparências. Compreender o significado dos sentimentos, desejos e histórias é fundamental para o reconhecimento do *velho* como participante ativo do grupo social. Não podemos desconsiderar que todo *velho* tem uma história.
Palavras-chave: envelhecimento; velho; memória; relacionamento; identidade.

Resumen: Este texto fue escrito por tres generaciones: abuela, madre y nieto. Su tema es la vejez como construcción social, fruto de prácticas sociales y representaciones producidas históricamente. El estudio busca conocer las percepciones que tienen los viejos respecto de las formas de cuidado dirigidas a ellos. Los autores dirigen la mirada específicamente hacia las experiencias concretas de vida, planteándose el desafío de exponer peculiaridades y sentidos de la práctica del cuidar relacionada con la memoria. Toman como referencias el poema de una autora anónima y el registro de episodios presenciados o vividos que señalan la ausencia de conocimiento respecto de las historias de vida y los sentimientos de los viejos, lo cual impide una mirada que trascienda las apariencias. La comprensión del significado de los sentimientos, deseos e historias es fundamental para reconocer al viejo como participante activo del grupo social. No se debe perder de vista que todo viejo tiene una historia...
Palabras clave: envejecimiento; viejo; memoria; relaciones; identidad.

¹ Texto apresentado e publicado In *Anais do I Congresso Ibero-americano sobre os Cuidadores Informais de Pessoas Idosas: caminhos de mudança*, Aveiro – Portugal, em setembro de 2013 (2013. p. 05).

*Ao olhar para mim
Enfermeira, o que vê?
Ao olhar para mim,
O que pensa você?
Uma mulher rabugenta,
Uma velha mulher,
Sem muito juízo,
Que não sabe o que quer?*

Assim começa o poema, divulgado pela internet, em que uma velhinha escocesa cujo nome se perdeu, revela sua identidade às enfermeiras que cuidaram dela, contando sua história de vida.

Foi narrando sua vida em diferentes idades que essa velhinha anônima conseguiu manifestar seu desconforto pela maneira como era vista e tratada pelas pessoas que cuidavam dela, possivelmente achando que estavam fazendo o melhor que podiam. Mas guardou para si o seu segredo e foi só depois de sua morte que as enfermeiras, surpresas e emocionadas, descobriram quem ela fora e, como forma de reparação, decidiram divulgar sua história para abrir os olhos de todos aqueles que se relacionam com idosos.

O aumento significativo da expectativa de vida e, conseqüentemente, do número de pessoas idosas, constitui uma realidade mundial e também brasileira. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira, entre 1997 e 2007, apresentou um crescimento relativo da ordem de 21,6%, sendo que o contingente de pessoas com 60 anos ou mais foi bem mais acelerado: 47,8 %. E, o segmento da população com mais de 80 anos teve um aumento ainda superior: 86,1 %.

Segundo o PNAD, isso significa o adiamento da mortalidade em função dos avanços médicos e dos meios de comunicação (IBGE, 2008, p. 165).

Os dados mostram que esse crescimento continuará inalterado no futuro próximo, o que exige uma urgente tomada de consciência do significado demográfico e social destes dados, motivo pelo qual as ciências têm se voltado cada vez mais ao estudo de temas relacionados ao envelhecimento. Exemplo disso é o crescente número de pesquisas e núcleos de estudo que se desenvolvem em todo o país.

Envelhecer pode significar melhores condições de vida, mas também pode despertar muitos medos: da doença, da dependência dos outros, da solidão e do esquecimento.

Pesquisas sobre a linguagem no envelhecimento, mostram que o afastamento do sistema produtivo modifica a rede de relações sociais construídas ao longo da vida (JUNCOS-RABADÁN,1998), o que leva os idosos a ficarem sós, reduzindo as possibilidades de interações a um pequeno núcleo – pouco

estimulante - diminuindo significativamente as oportunidades de uso da comunicação.

Partindo do pressuposto de que a possibilidade de desenvolvimento humano é ilimitada, que este desenvolvimento depende das relações que são constituídas entre sujeitos, com o outro, que estas ações serão significadas e terão sentidos a partir da mediação estabelecida nas relações sociais, este estudo focaliza principalmente o papel do outro para a memória e história de vida do velho, na busca de possibilidades de melhores condições de vida social e afetiva. Mais especificamente, o estudo tem por objetivo compreender como as relações dos velhos com os outros podem proporcionar vínculos entre o passado, presente e futuro, garantindo qualidade de vida para o idoso.

Conversando com idosos

A etnografia foi o caminho encontrado pelos autores para conhecer as vidas, sentimentos e histórias da velhice. Ancorados na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano o estudo buscou conhecer as relações vividas pelos velhos na vida cotidiana.

Nesta perspectiva as funções mentais superiores, dentre elas a memória, são consideradas de natureza social e não apenas biológica. Vigotski em seus textos escritos entre 1924 e 1934, ressalta o papel do outro na construção de sentidos e na consciência de si mesmo.

A etnografia como exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno observado através da participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ROCHA & ECKERT, 2008).

Considerou-se que para compreender os significados atribuídos pelos próprios velhos sobre as formas de cuidado a eles dirigidas era preciso registrar e descrever as experiências concretas de vida relatadas ou vividas por eles em suas relações com os outros.

Foi olhando e escutando *velhos* em suas vivências que os autores deste texto voltaram-se para as minúcias dos acontecimentos que marcam seus relacionamentos com os outros. A pesquisa insere-se na proposta da etnografia, que “deriva da matriz antropológica cultural e implica a descrição ou reconstrução analítica do cenário e das regras de funcionamento de um grupo cultural. Trata-se de uma reconstrução que se guia pela concepção de mundo ou quadro conceitual dos investigados” (GÓES, 2000, p. 10).

As conversas etnográficas com cinco idosos² que vivem situações singulares permitiram encontrar regularidades no discurso dos mesmos possibilitando refletir sobre os sentidos da prática de cuidar relacionados à memória. Evidenciou-se, sobretudo a importância para o idoso de se sentir reconhecido

² Os nomes dados aos idosos são fictícios.

em seus relacionamentos. Para que isso aconteça, é necessário que ele próprio se reconheça, isto é, que não se sinta perdido num mundo que se transforma em rapidez vertiginosa. Daí a necessidade da conservação de referenciais que lhe permitam situar-se no tempo e no espaço em que vive.

Cecília – reconhecimento



Cecília é um exemplo de como é frequente o desconhecimento da identidade do idoso por quem cuida dele. Morava numa casa para idosos, uma pessoa de muita fé e sensibilidade, temperamento forte, até mesmo um tanto autoritário quando jovem.

Na velhice, chegou a uma docilidade conquistada. Eis como uma senhora relata a visita que fez a Cecília na instituição: “Conversando com ela, ouvi da cuidadora a seguinte exclamação cheia de admiração: - “Nossa! Ela fala!” Cecília era uma desconhecida para a pessoa que convivia com ela diariamente!

A velhinha da Escócia, por se ver *desconhecida* pelas pessoas que lidavam com ela, sente a necessidade de reafirmar sua identidade para si mesma ao mesmo tempo em que busca o *reconhecimento* dos outros. Ela o faz, recordando (lembrando com o coração) toda sua vida: a infância no afeto da família, com seus pais e irmãos; a adolescência com suas dúvidas e inquietações; a descoberta do amor, o casamento, os filhos e netos, a casa cheia ... e depois, o esvaziamento, a morte do marido, o afastamento dos filhos que passam a cuidar da própria vida, a solidão ... Sente como se seu coração deixasse de bater.

Mas, pela memória, ela revive e, ao lembrar alegrias e sofrimentos, confessa: “de novo meu coração palpita”. O *reconhecimento* pelos outros, só veio depois de sua morte, mas ultrapassou de muito os muros do hospital e os limites da Escócia, tornando aquela velhinha, cujo nome ignoramos, merecedora de nossa gratidão, sentimento de que ela própria foi privada por ter guardado segredo sobre sua confissão! Lembremos que reconhecimento é sinônimo de gratidão... (BRANDÃO, 2011, p. 210).

Isabel – Perda de referenciais - institucionalização

Diferente da velhinha escocesa que relatou sua vida da infância à *velhice* num tempo linear, cronológico, as lembranças de *velhos* costumam emergir da memória por flashes, reflexos de um tempo interno, kairós – para os gregos, o tempo dos deuses, em oposição a kronos, o tempo humano, tempo vivido

(MARTINS, 1991) - reproduzindo episódios ligados a alguma emoção despertada por diferentes estímulos, como conta Proust (2004) em seu admirável romance *Em busca do tempo perdido*, que se tornou referência para todos que estudam a memória.

O tempo perdido e reencontrado pela memória! Memória e tempo são temas correlatos. É a memória que faz a ligação entre passado, presente e futuro. É pela memória que o *velho* recupera, tornando-os presentes, os momentos mais significativos de seu passado, o que lhe permite encarar o futuro com serenidade, dando sentido à sua vida.

O tempo é uma entidade abstrata. Autores que tratam do tema, procurando descrever sua trajetória, falam em tempo linear, tempo cíclico, tempo em espiral. Podemos imaginá-lo pensando nas rodas de uma bicicleta em movimento: enquanto executa o movimento circular, sempre igual, realizam simultaneamente outro, linear, à medida que avançam no espaço e no tempo e, se tentarmos representar esse movimento num traçado, veremos que o entrelaçamento dos círculos desenha uma espiral.

Imaginemos ainda que cada ciclo representa o tempo de vida de uma geração. O movimento linear executado pela roda representa a continuidade da vida que se dá pelo entrelaçamento dos ciclos, isto é, das gerações: cada nova geração tem seu ponto de partida na que a precedeu, da qual recebe uma herança cultural que será transmitida para a próxima (COMBLIN, 1968). E assim se forma a espiral, representando o presente, com base no passado e aberto para o futuro.

Diferente da criança, que se situa no tempo tendo diante de si a perspectiva de um futuro distante, que demora a chegar, o *velho* tem atrás de si um longo passado, e tem a sensação de que o tempo transcorre cada vez mais depressa, em direção a um futuro incerto, no qual a única certeza é a aproximação da morte. A chegada da velhice, com suas limitações e perspectiva da morte, muitas vezes o surpreende e desorienta. Para se situar nesse presente, ele precisa de *referências*, que retira de seu passado, dos objetos que o cercam e que lhe trazem lembranças, do ambiente espacial ao qual se acostumou.

Como a criança, o velho depende dos outros, mas enquanto ela caminha para a independência, ele se torna cada vez mais dependente. É aí que se situa o ponto crítico no relacionamento do idoso com os outros, sejam eles familiares ou profissionais da saúde: é frequente essas pessoas acharem que o velho volta a ser criança, tratando-o como tal. Essa atitude, que infantiliza o idoso, só contribui para aumentar sua dependência.

Isabel, mulher muito ativa, intelectual, professora universitária com inúmeras publicações, tendo passado de muito os 80, começou a apresentar alguns problemas de memória e comportamento. A família decidiu institucionalizá-la. Encontraram uma instituição de ponta, com todos os recursos médicos e terapêuticos. Até então ela andava sozinha com apoio de uma bengala, lia

livros e jornais, via TV e comentava as notícias com amigos que continuava a visitar. Apreciava boa comida e um bom vinho.

Rapidamente foi perdendo tudo isso, apesar da “excelência” do tratamento recebido. Seu tempo passou a ser marcado pelos horários de levantar, deitar e das refeições; pelas visitas do médico ou de enfermeiras, diferentes conforme o turno; pelos exercícios de fono ou fisioterapia; pela terapeuta ocupacional que a estimulava a fazer potes de cerâmica ou a desenhar mandalas. Os momentos mais prazerosos eram quando amigos a visitavam, mas também esses foram se tornando cada vez mais raros.

Quando soube que sua casa foi vendida, perdeu mais essa referência. Hoje ela não anda mais, alimenta-se pouco e com relutância, não lê mais livros nem jornais, não se interessa pela TV que fica ligada o tempo todo diante dela, sempre no mesmo canal. Apesar de um grande cartaz à sua frente indicando dia, mês e ano, Isabel não consegue mais se situar no tempo, tendo perdido sua casa, seus espaços, suas atividades, isto é, suas referências. Ainda reconhece familiares e amigos, mas já não tem assunto para conversar.

João – envelhecer em casa – mantendo referenciais



João, também professor e na casa dos 80 avançados, sofre de doença degenerativa, mas tem o privilégio de poder envelhecer na família. Nem por isso, obviamente, dá para evitar limitações e perdas. Limitações em movimentos, habilidades motoras, na fala e, portanto, na comunicação, além daquelas comuns a todo processo de envelhecimento, como o declínio da visão. Perdas de seu ambiente de trabalho e do convívio com colegas e alunos, também natural em toda aposentadoria.

Mas, o mais triste, perdas de amigos e amigas, não só pela morte, mas por doenças que tornam a pessoa ausente ainda em vida. No entanto, o fato de viver em sua casa, com a esposa, no ambiente

que juntos foram construindo, com os objetos e arranjos que lhe trazem lembranças e, sobretudo, com a presença frequente de filhos, netos e alguns amigos fiéis, reduz muito o impacto negativo da doença, que ele sabe incurável e progressiva. Mais que tudo, sua força de vontade e a capacidade de manter vivo o senso de humor, que sempre foi uma característica sua, faz com que ele ultrapasse as ameaças de depressão e que sua companhia continue agradável.

Claro, é bom insistir, trata-se de um caso privilegiado. No entanto, é conveniente considerar uma situação dessas, extrema, para mostrar a

importância de evitar que o envelhecimento acarrete a exclusão do velho do ambiente físico e humano em que sempre viveu. A falta de referências acelera o processo normal de envelhecer e pode antecipar a demência. Sem dúvida, muitas vezes a internação é a solução possível e não se pode desprezar o uso de novos recursos possibilitados pelo avanço das ciências médicas. Mas é preciso ter sempre presente que o velho não pode perder seus referenciais.

Mesmo quando a perda de memória é grave, como nos casos de Alzheimer e outros, é preciso manter referências, conversar com a pessoa. Ainda que ela não seja capaz de responder, *fale com ela*. No campo das artes, o cinema e a literatura têm mostrado como é importante a comunicação com pessoas fragilizadas pela idade ou pela doença, até mesmo aquelas aparentemente incapacitadas de compreender, para dar-lhes uma melhor qualidade de vida, ou até para fazê-las voltar a viver. Como exemplos: o filme de Almodóvar (2002), *Fale com ela* e os belos romances do português Valter Hugo Mãe (2012), *A máquina de fazer espanhóis* ou do francês David Foenkinos (2013), *Les Souvenirs*.

Dona Nega – entre Campinas e Água Boa - criando referenciais



Os filhos de Dona Nega vieram morar em São Paulo na década de 1990, em busca de “uma vida melhor”. Ela vive entre duas cidades desde então, Campinas e Água Boa. Eles insistem que ela venha morar em Campinas para cuidar da saúde (passar em consulta com médicos especialistas, fazer exames, etc.).

Ela vem, e fica alguns meses, mas a opção de retornar para sua cidadezinha de Minas Gerais é fundamental, “*aqui eu não me sinto em casa, não tem nada como a casa da gente*” (Dona Nega, 70 anos). Mesmo no período de tempo que ela passa longe de Água Boa a família adotou iniciativas para que ela se “*sinta mais em casa*”. Na casa de uma de suas filhas foi construído um fogão a lenha que

garante a lembrança do seu lugar em Minas Gerais. O fogão foi construído com as orientações de Dona Nega e com a mão de obra de um vizinho pedreiro.

Dona Nega envelhece entre Água Boa e Campinas. Nesse vai e vem entre as duas cidades consegue cuidar da sua saúde física e mental. As referências existentes em Água Boa e criadas em Campinas colaboram para sua felicidade, “*nunca pensei que ia ser tão feliz na minha velhice, poder ir pra casa*”.

e vir visitar meus filhos, quando imaginei que isso fosse possível?” (Dona Nega).

Enéas – a cumplicidade afetiva da cuidadora

O relacionamento do velho com filhos e netos é algo enriquecedor para as duas partes. Vejam o testemunho de um jovem, recém formado em antropologia, sobre seu avô quase nonagenário: *“Enéas é um avô muito querido e bem humorado. Está com Parkinson e por isso tem muita dificuldade para se movimentar. Teve uma cuidadora, profissional muito eficiente, que para fazê-lo iniciar os movimentos contava 1, 2, 3 e já... Apelidou-a de Um-dois-três.”* Tolerava sua presença porque sabia que precisava dela. Mas quando foi substituída por outra, ‘menos capaz’ do ponto de vista profissional, mas que conversava com ele, contava seu dia a dia e ria de suas piadas, estabeleceu com ela certa cumplicidade afetiva e aceitava sua ajuda com muito menos constrangimento.

Conclusão

Cuidadores, profissionais ou familiares, são aqueles que se ocupam de idosos em suas necessidades rotineiras, do dia a dia, tudo aquilo que as limitações da idade ou da doença que debilitam o corpo impedem a própria pessoa de fazer. Mas é preciso lembrar também as necessidades da alma e nesse particular o velho dispõe de uma grande riqueza, e pode ter muito a dar. É aí que entra o papel das novas gerações, sejam elas da família ou não.

Todo velho tem uma história a contar... Se os mais jovens estiverem dispostos a ouvi-lo, a conversar com ele, isso fortalecerá o elo entre as gerações, a transmissão de uma herança, uma cultura que por sua vez, quando esses jovens envelhecerem, será transmitida a seus descendentes. Envelhecer rodeado de objetos que tragam lembranças favorece o reconhecimento de si no mundo, o que pode ser proporcionado pela criatividade daqueles que convivem com o velho. É preciso ver e escutar. Saber reconhecer para além das aparências e da fragilidade devidas à idade, a identidade da pessoa, construída ao longo de todos os anos vividos. Ser capaz de recolher os conhecimentos acumulados nesses anos, sua sabedoria, para que isso não se perca e possa ser transmitido para a geração seguinte.

É a vida que continua e se prolonga de geração em geração. É assim que se faz a história, tanto a de cada homem, cada mulher, como a grande história, a História da humanidade!

*Mãe
O calor da família de minha mãe
mora na minha mãe.
Nela estão a minha avó, as irmãs de minha avó,
as amigas da família de minha avó.
O calor da família de minha mãe*

*mora na minha mãe,
nos casaquinhos com bolso, nos guardanapos de papel enrolados
enfiados nas mangas.
O calor da família de minha mãe
mora na minha mãe.
Para senti-lo e aconchegar-me
Inspiro as lembranças que são muitas
e penso na minha mãe, guardiã da família de minha mãe,
do calor da família de minha mãe.
(Arquivo pessoal da autora - Beatriz Monteiro)*

Referências

ALMODÓVAR, Pedro. *Fale com Ela*. Filme-DVD. Produção e Direção: Pedro Almodóvar. Espanha, 2002, 112 minutos.

ANÔNIMA, *An old Lady's Poem*. Dundee, Escócia (tradução livre de Celina Monteiro) Em
<http://www.poeticexpressions.co.uk/POEMS/Old%20Lady's%20Poem.htm>

BRANDÃO, Vera Tordino. *Longevidade e Espiritualidade: narrativas autobiográficas*. Centro Universitário São Camilo, 2011.

COMBLIN, José. *O Provisório e o Definitivo*, Ed. Herder, São Paulo, 1968.

FOENKINOS, David. *Les Souvenirs*. Ed. Gallimard, 2013.

GOES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 20, n. 50, abr. 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Rio de Janeiro, RJ, 2008. Acesso em: 17.03.2014. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadores_minimos/sinteseindic sociais2008/indic_sociais2008.pdf

JUNCOS-RABADÁN, Onésimo (org.). *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. Barcelona (Espanha), Ed. Masson, 1998. 197 p.

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

MARTINS, Joel. *Anotações de palestra realizada na PUCSP por Celina Monteiro*, em 1991.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Trad. Fernando Py. Ediouro, Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 09, n. 21, 2008.

Data de recebimento: 07/4/2014; Data de aceite: 10/5/2014.

Celina Monteiro – Graduada em Geografia e História (PUC-SP); Professora de História (Aposentada); Pesquisadora Sênior do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Email: moacyrcelina@superig.com.br

Maria Inês B. Monteiro – Graduada em Fonoaudiologia (PUC Campinas); Mestre em Educação Especial (UFSCAR); Doutora em Psicologia (USP). Docente do Programa de Pós Graduação em Educação - Universidade Metodista de Piracicaba – PPGE/UNIMEP. Email: mbmontei@unimep.br

Fernando Monteiro Camargo – Graduado em Ciências Sociais (PUC de Campinas); Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (UNIFESP). Email: camargo.fmc@gmail.com